

SERIA A ESCOLA UM NÃO-LUGAR?

Would school be a non-place?

Terezinha Garcia Cazuza Martinez

Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD
terezinhagarciagcm@gmail.com

Marsiel Pacífico

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS
marsiel.pacifico@uems.br

Resumo: Na caracterização do *lugar* antropológico, Marc Augé destaca três elementos fundamentais: identitário, que permite sentidos de pertencimento entre o sujeito e o espaço; relacional, que estabelece vínculos simbólicos-culturais entre os sujeitos que comungam de um mesmo espaço; histórico, que, pelo acúmulo de experiências coletivas e individuais, produzem conexões entre os sujeitos, seus antepassados e seus descendentes. Na determinação dos novos espaços oriundos da sobremodernidade, como, por exemplo, *shoppings* e aeroportos, o autor observa o esvaziamento dessas características antropológicas, conceituando tais espaços como *não-lugares*. São espaços que não permitem vínculos, pertencimento ou lastros, fragilizam a dimensão da experiência pela efemeridade da vivência. De tal forma, coube a indagação: a escola contemporânea apresenta as características antropológicas do *lugar* ou se consolida como um gradativo *não-lugar*? Assim sendo, este artigo buscou delinear as primeiras aproximações entre as categorias de *lugar* antropológico e *não-lugar* e a escola. A partir de um recorte abstrato da escola pública brasileira, determinam-se os componentes centrais do *lugar* antropológico – identitária, relacional e histórica – e investiga-se em quais medidas a escola tem se constituído como um *lugar*. Advogando a defesa de que a escola como um *lugar* antropológico converge à plenitude de sua dimensão formativa, diagnostica-se um jogo permanente de tensão que não permite uma caracterização binominal. Neste sentido, indica-se campos de atuação em que, praticados nos sentidos propostos, podem favorecer a identidade da escola como um *lugar* antropológico.

Palavras-chave: Lugar antropológico; Não-lugar; Escola; Identidade.

Abstract: In characterizing the anthropological place, Marc Augé highlights three fundamental elements: identity, which allows for a sense of belonging between the subject and space; relational, which establishes symbolic-cultural links between subjects who share the same space; historical, which, through the accumulation of collective and individual experiences, produce connections between subjects, their ancestors, and their descendants. In determining new spaces arising from supermodernity, such as shopping malls and airports, for example, the author observes the depletion of these anthropological characteristics, conceptualizing such spaces as non-places. They are spaces that do not allow for bonds, belonging or ballast, weakening the dimension of experience due to the ephemeral nature of the experience. In such a way, it fell to us the question: does the contemporary school present the anthropological characteristics of the place or is it consolidated as a gradual non-place? Therefore, this article sought to outline the first approximations between the categories of anthropological place and non-place and the school. From an abstract cutout of the Brazilian public school, we determine the central components of the anthropological place – identity, relational and historical – and we investigate in what measures the school has been constituted as a place. Advocating the defense that the school as an anthropological place converges to the fullness of its formative dimension, we diagnose a permanent game of tension that does not allow for a binomial characterization. In this sense, we indicate fields of action in which, practiced in the proposed directions, they can favor the school's identity as an anthropological place.

Keywords: Anthropological place; Non-place; School; Identity.

INTRODUÇÃO

As instituições escolares fornecem os espaços de socialização para além do círculo familiar, constituindo relações fundamentais que impulsionarão os processos formativos de sua comunidade e, em especial, de seus alunos. Em geral, as pesquisas em Educação que se voltam ao contexto escolar como objeto raramente têm como temáticas a escola enquanto *lugar*. Desse modo busca-se, ao longo deste artigo, investir o olhar sobre o espaço escolar, não em um sentido quantitativo, como as relevantes pesquisas que versam sobre as estruturas, materiais e recursos humanos, mas em um sentido antropológico, a partir dos fundamentos fornecidos pela obra *Não-lugares* (1994) de Marc Augé.

Assim, neste trabalho abordam-se os conceitos de *não-lugar* e *lugar* a partir do livro *Não-lugares: Introdução a uma Antropologia da Sobremodernidade* (1994), trabalho realizado por um viés etnológico, mas com relevantes contribuições para as demais áreas das ciências humanas na compreensão crítica da modernidade. Segundo o Augé, diferentemente do povo do *lugar*, o antropólogo tem uma visão abrangente, pois ele enxerga de uma forma ampla, analisando o ambiente e transcrevendo-o com outros olhares, vendo uma segunda natureza, diferente das pessoas que estão imersos no ambiente como *lugar*. Desse modo, a caracterização dos espaços não transcorre de suas condições objetivas, mas sim de suas determinações implicadas nas relações com os seus, na produção da constituição da identidade entre as pessoas e o espaço, por meio de sua história.

Na primeira seção do artigo apresenta-se os conceitos de *lugar* e *não-lugar* por contraste, defendendo a concepção de que o *lugar* demanda, fundamentalmente, três dimensões inalcançáveis ao *não-lugar*: identidade, relações e história.

Partindo de tais categorias, na segunda seção, detêm-se o olhar sobre as possibilidades de ser escola para refletir sobre seu papel e suas possibilidades na caracterização de seu espaço como um *lugar*.

Por último, apresentam-se as considerações finais que, dado os poucos trabalhos que abordam esta perspectiva, também são considerações iniciais, no intento de fortalecer a seguinte reflexão: seria a escola contemporânea um *lugar* ou um *não-lugar*?

LUGAR E O NÃO-LUGAR: UMA CARACTERIZAÇÃO ANTROPOLÓGICA PELO CONTRASTE

Marc Augé (1994, p. 39), no início de sua obra, utiliza-se de suas análises sobre o povo indígena para exemplificar o seu conceito de *lugar* quando discorre sobre as relações afetivas desses com os seus territórios, demonstrando que a relação ali estabelecida confere uma identidade própria dos sujeitos na interação com seu ambiente, tornando-o um *lugar*. O dito *lugar*, que é o espaço onde cada pessoa se identifica e toma posse do ambiente em uma relação de pertencimento-pertencente, é também o momento em que cada um se encontra consigo mesmo, produzindo sua identidade compartilhada com os outros, em um ambiente em que se têm histórias construídas e ligações, com ensinamentos dos antepassados e da própria cultura. Ao olhar desatento, o *não-lugar* se assemelha com o *lugar*, todavia imprime uma diferença substancial, visto que o *lugar* é o ambiente em que as pessoas consideram parte de si, por reconhecerem ali sua identidade, relações e história (AUGÉ, 1994, p.47), enquanto o *não-lugar*, para além de seus deslumbres arquitetônicos, não é capaz de propiciar tais sentidos.

Para um espaço ser considerado *lugar* ele deve ter três caracteres: identitários, relacionais e históricos. O conjunto destes expressa a produção de experiências, uma vez que, contendo identidade e relação, o *lugar* antropológico também é histórico. Já o *não-lugar* pode estar embutido ao *lugar*, e até mesmo recordar o *lugar*, mas é um espaço que não representa as pessoas em sua identidade individual ou coletiva, mas suas relações se dão pela passagem que decorre no mesmo. Assim, o *não-lugar* traz consigo uma competição com o *lugar* – “são antes polaridades fugídias” (AUGÉ, 1994, p. 68), pois nele encontram-se artefatos que simulam fatos do passado, histórias comuns da população por meio de propagandas, cartazes, meios que façam as pessoas recordarem de suas vivências e histórias, refletindo sobre o presente e voltando ao passado como se fosse um *lugar*, mesmo não o sendo.

No sentido antropológico, o espaço não é um conjunto aleatório de elementos; para além de seus determinantes físicos, o imperativo decorre da relação dele com os sujeitos que o habitam. E, embora pensar nas transformações do espaço pelo homem pareça algo mais instintivo, a produção dos sujeitos também decorre de dimensões determinadas pelo espaço. Assim sendo, o espaço tem seu sentido identitário, devendo propiciar aos sujeitos a capacidade de reconhecer-se nele, dado que:

[...] o dispositivo espacial é ao mesmo tempo aquilo que exprime a identidade do grupo (as origens do grupo são com frequência diversas, mas é a identidade

do *lugar* que o funda, reúne e o une) e aquilo que o grupo deve defender contra as ameaças externas e internas para que a linguagem de identidade conserve um sentido (AUGÉ, 1994, p. 41).

Visto que “nascer é nascer num *lugar*” (AUGÉ, 1994, p. 47) a produção de quem somos, mediada por este *lugar*, estabelece entre nós uma conexão que produz um reconhecimento dialógico: o encontro com nosso *lugar* de origem é, essencialmente, um encontro com nossa própria identidade, um encontrar-se *nele* e *por ele*; de toda sorte, o encontro oposto é verdadeiro, não há como submergir na própria identidade sem visitar nosso *lugar*.

Ao caracterizar os espaços típicos da sobremodernidade, Augé (1994) observa o esvaziamento das capacidades do estabelecimento de relações identitárias. As dimensões supranacionais e a onipresença ética-estética da dimensão mercadológica produzem o espaço não no encontro com o sujeito, mas, por sua vez, no seu esvaziamento.

Assim, não só a forma e o conteúdo da propaganda mudam, mas também toda a lógica de valoração das mercadorias que, sobretudo em nossos tempos, são amplamente determinados pela capacidade de produção de identidade e de sedução. Dado a pressão concorrencial do mercado e a onipresença das telas em nosso cotidiano, o constante esbarrar com os reclames publicitários nesse formato impelem novas formas e sentidos nos sujeitos, que também devem ser consideradas como consequência sociocultural desse processo. (PACÍFICO; GOMES, 2021, p. 55)

O autor designa duas realidades complementares e ao mesmo tempo distintas que fazem parte do *não-lugar* (1994, p.87), sendo uma os diversos espaços construídos para a circulação de pessoas, como hotéis, rodoviárias, parques de lazer, meios de transporte, comércio, entre outros. E, a outra realidade, a relação que as pessoas mantêm como esses espaços, estando sempre em uma tensão solitária em conjunto com a mídia, mediada por palavras e até textos que caracterizam o *não-lugar*. Complementando, Chiesa e Cavedon (2013) também mencionam que o *não-lugar* pode ser considerado um espaço de solidão, espaço onde tudo funciona de forma rápida, com horários estabelecidos de chegada e de partida, onde os indivíduos somente são identificados nas entradas e saídas, não como identidade, mas como controle destes espaços.

Augé explica que a sobremodernidade é produtora de *não-lugares* e conceitua também que, conforme Michel de Certeau (1990), o *não-lugar* basicamente se refere a ausência do *lugar* em si mesmo, no nome que lhe é dado. Como exemplo, menciona-se o itinerário de uma viagem, em que os *lugares* não conhecidos percorridos até a chegada ao local desejado levam o nome de *não-lugar* durante o percurso, transformando-se em passagens. O autor se dirige ao itinerário/movimento entre um *lugar* e outro como sendo o *não-lugar*.

Se a produção de relação entre o espaço e o sujeito é uma decorrência do espaço antropológico, não obstante as relações entre os sujeitos que habitam aquele espaço também é demarcada pelos sentidos de pertencimento. Das características basilares do *homo sapiens* caçador-coletor, que aprendeu a cooperar com um grande número de estranhos (HARARI, 2017, p. 47), aos tempos pós-modernos que vivenciam a revolução microeletrônica, nossos vínculos mais profundos são demarcados pela ideia de grupos - seja a família, a comunidade local, o país, entre outros - que, por sua vez, são sujeitos fundamentalmente marcados pelos seus vínculos com um mesmo *lugar*. Desse modo, estabelece-se a dimensão relacional do *lugar*, na compreensão dos laços afetivos, simbólicos e culturais que interligam as pessoas de um mesmo espaço.

Observa-se que *lugar* é um espaço e, ao mesmo tempo, é aquilo que exprime a identidade do grupo. Assim sendo, *não-lugar* é sua antítese, na medida em que o espaço, massificado e desconstituído de signos, símbolos e historicidade que confeririam identidade entre ele e o seus, acaba por ser um espaço, no sentido físico, mas apartado de seu sentido antropológico. Um espaço, como um aeroporto, embora agregue grandes coletivos humanos, não estabelece entre eles quaisquer formas de vínculos permanentes, consolidando uma multidão de sujeitos solitários:

A modernidade, ontem e hoje, é fragmentação, é um átimo de tempo, é um vazio, mesmo com milhares de pessoas andando pelas ruas, mulheres passeando com seus vestidos volumosos e chapéus coloridos, entrando em cafés; e operários trabalhando em fábricas, como no século XIX e início do século XX; ou milhares de corpos correndo para pegar o trem, que leva ao centro da cidade, ou metrô, ultrarrápidos, indo a shoppings elegantíssimos; trabalhando em grandes indústrias, como no século XXI. A sensação é a mesma: a de solidão. (MEDEIROS, 2009, p. 73)

Explicita Marc Augé (1994, p. 96), que o *não-lugar* proporciona, no presente, o encontro de si mesmo, é um momento em que o indivíduo, mesmo estando cercado de outras pessoas, por não guardar vínculos que lhe produzam sentidos e conexões, pode estar sozinho. Em contraste com os *lugares*, que são organicamente constituídos no interior das relações humanas e como expressão de uma cultura, os *não-lugares* são pensados de acordo com o público que os frequentam, e a partir de tal determinação se engendram suas minúcias: as cores, o som ambiente, a disposição, entre outros, tudo é pensado para a execução de um objetivo econômico. Não à toa, tais espaços são notadamente demarcados pelas mídias e publicidades, entre outros exemplos da mesma natureza.

Ainda sobre *não-lugar*, Augé pondera duas questões: primeiro, a liberdade que ele proporciona às pessoas de suas determinações habituais, como se fosse um *lugar* para fugir dos *lugares*, descansar e, às vezes, até refletir sobre tudo, inclusive sobre si próprio. Segundo o autor, o espaço do *não-lugar* não tem identidade própria, mas sim solidão e similitude, além de não conceder espaço à história. O autor se refere ao *não-lugar* como um emaranhado em meio ao *lugar*.

Por fim, Augé demarca o *lugar* antropológico pela sua dimensão histórica: “A identidade e a relação estão no coração de todos os dispositivos espaciais estudados classicamente pela antropologia. A história também. Porque todas as relações inscritas no espaço se inscrevem também na duração” (AUGÉ, 1994, p. 51).

À medida em que o espaço constitui sentidos de identidade com o sujeito e exprime relações que amalgamam pessoas dispersas em coletivos coesos, tais encontros – consigo mesmo e com os outros – são expressos no espaço e no tempo. Por excelência, tal correlação permite sentidos de ancestralidade, na compreensão das ligações entre os que hoje habitam o *lugar* e aqueles que nos antecederam, e também permite o sentido de continuidade e legado nas gerações que sucederão os praticantes do espaço.

O caráter histórico passa a ser fragilizado na dimensão do *não-lugar*, tendo em vista a impermanência das relações identitárias e relacionais. Seu espaço de deslinearidades e rupturas, confere um ar de similitude que comunica a todos e a ninguém: embora, por exemplo, muitos consigam reconhecer a logo marca de uma rede mundial de *fast foods*, nenhum de nós se conecta a ela com sentidos de identidade e coletividade que nos permitiram estabelecer lastros históricos, embora as estratégias de marketing mais sofisticadas se esforcem para tal.

Consumimos, através dos objetos e das marcas, dinamismo, elegância, poder, renovação de hábitos, virilidade, feminilidade, idade, refinamento, segurança, naturalidade, umas tantas imagens que influem em nossas escolhas e que seria simplista reduzir só aos fenômenos de vinculação social quando precisamente os gostos não cessam de individualizar-se. (LIPOVETSKY, 1989, p. 203).

Ainda, pode-se considerar que, no *não-lugar*, evidencia-se mais nitidamente o formato de sociedade líquida dos dias atuais, onde nada é permanente e turbilhões de propagandas circundam ao mesmo tempo. Segundo Oliveira (2012), em seu trabalho denominado “ZYGMUNT BAUMAN: a sociedade contemporânea e a sociologia na modernidade líquida”,

[...] com os meios de comunicação avançados, diversos tipos de revistas e jornais, a televisão e internet de fácil acesso que disponibilizam uma enorme quantidade de informação de todo tipo, a fase da falta de informação passou. A fase vivida hoje é a da seleção de informação. As possibilidades são tantas que o indivíduo encontra-se na agonia da escolha de que informação é a que

gostaria de abraçar, em qual estilo de vida se encaixa. Essa necessidade de escolha de um estilo de vida mostra o desvirtuamento da construção da identidade como um processo inteiramente individual. (OLIVEIRA, 2012, p. 32)

Em relação aos ambientes considerados *lugares*, se encontram também os *lugares da memória*, estes vivem sofrendo modificações de acordo com os aprendizados que as pessoas vão adquirindo no decorrer da vida. A memória é de suma importância na vida de cada indivíduo, conforme Augé (1994, p. 49) “Espectadores de si próprios, turistas do íntimo, não poderiam imputar à nostalgia ou às fantasias da memória às mudanças objetivamente testemunhadas pelo espaço em que continuam a viver e que já não é o *lugar* onde viviam”, ou seja, as memórias das experiências vividas de cada pessoa permanecem, no entanto as vivências mudam e os conceitos adquiridos com o tempo também estão propícios a serem ressignificados.

Diferentemente dos *lugares* onde se encontram os *lugares da memória*, nos *não-lugares*, por sua vez, encontram-se formas imaginárias, mas com o foco sempre no real. Segundo Augé (1994, p.88), os *não-lugares* reais da sobremodernidade, são “[...] aqueles que tomamos emprestados quando rodamos na autoestrada, fazemos compras no supermercado ou esperamos num aeroporto o próximo voo para Londres ou Marselha, têm isto de particular ...”.

O etnólogo Augé (1994, p.90) cita dois *não-lugares* opostos, colocando um como sendo o percurso rodoviário e o outro o percurso ferroviário, uma vez que, pelo rodoviário, percebe-se todo o percurso do caminho, podendo observar as placas da estrada, o sinalizador fechado, o movimento na rua, entre outros. Diferentemente é o percurso ferroviário, no qual o trem corre rapidamente pelos trilhos, não possibilitando aos viajantes uma visão do meio que o cerca, além de passar por *lugares* não movimentados como faixadas de casas muradas, entre outros, em horários também de baixo fluxo de pessoas. Podem haver diferentes tipos de *não-lugares*, pois neles não existem características únicas.

De acordo com Marc Augé (1994, p. 74), o *não-lugar* existe em uma ligação com o *lugar*, e nunca como uma forma pura; *lugares* se formam nele e relações são constituídas, os *lugares* e *não-lugares* se entrelaçam, sendo ambos necessários na vida das pessoas. Diz o antropólogo (1994, p.74): “[...] existe evidentemente o *não-lugar* como o *lugar*, ele nunca existe sob uma forma pura, *lugares* se recompõe nele, relações se reconstituem nele.”. Segundo Michel de Certeau (1990), o que distingue ambos é o espaço, que quer dizer “um *lugar* praticado”. Marc Augé (1994, p.77), ainda esclarece que o termo *espaço* é mais abstrato que o termo *lugar*, aperfeiçoados pelas categorias de *lugares* e *não-lugares*, deixando notório que ainda existem vários tipos de espaços, como o mesmo cita: o aéreo (que designa uma parte da

atmosfera), o judiciário europeu (que implica a noção de fronteira) e o espaço publicitário (que é a mídia e as publicidades emitidas nela), entre outros.

A partir das caracterizações daquilo que determina um *lugar*, no sentido antropológico, elabora-se a seguinte reflexão: seria a escola contemporânea um *não-lugar*?

AS ESCOLAS E SEUS (NÃO)-LUGARES

Como já visto, a ideia de *lugar* fundamenta-se pelas relações antropológicas que, para além das características físicas, imprimem à relação entre as pessoas e o espaço três características fundamentais: o *caráter identitário*, o *caráter relacional* e o *caráter histórico*. Embora no sentido antropológico tal separação seja impossível, no âmbito teórico e como exercício metodológico de análise, este artigo prestou suas reflexões a partir da sequência destas categorias.

Referente ao espaço, Marc Augé (1994, p. 75) menciona Michel de Certeau indicando que a prática do mesmo é repetir a experiência da infância. Esta, por sua vez, é a primeira viagem que fazemos, o andar é a primeira prática do espaço e o espelho a primeira identificação da imagem própria, todo o relato volta à infância. Tudo em nossa vida é uma passagem, estamos em constante aprendizado.

Ainda na explicação sobre espaço, Augé (1994, p. 81) exemplifica com o caso do viajante. O autor coloca que, para este, o espaço seria o arquétipo do *não-lugar*, pois neste espaço juntam-se a experiência do *lugar* antropológico, que é o *lugar* identitário e histórico, com o *não-lugar*, que é o trajeto da viagem, com a solidão da mesma, proporcionando reflexões, pensamentos sobre sua identidade, sua família, sua história, entre outros. No entanto, ao final da viagem, traz Augé (1994, p.83), que “O *lugar* memorável no qual termina a peregrinação é, por definição, sobrecarregado de sentido”. O sentido que se vai buscar aí vale para hoje, como valia ontem, para cada peregrino. O itinerário que leva até ele, sinalizado por etapas e pontos fortes, compõe com ele um *lugar* de sentido único, ou seja, não somente a chegada ao destino, como as experiências vividas até o mesmo, vão se juntar na construção de um *lugar*.

Conforme Marc Augé (1994, p.97), em um *não-lugar*, pode ocorrer um paradoxo de o *não-lugar* ser o único “*lugar* conhecido”. Um exemplo pode ser o aeroporto, uma vez que uma pessoa se encontra em uma cidade desconhecida, o aeroporto vai ser um “*lugar* conhecido”, por ela já ter a percepção sobre o estilo e função desse determinado ambiente, uma vez que todos têm a mesma função. A mesma situação acontece com o indivíduo

ao passar em frente a uma escola, pois sabe que todas as instituições escolares são locais onde alunos frequentam para estudar, seja em qualquer etapa de ensino o intuito de ensinar e aprender será o mesmo.

Pensar a constituição de uma escola, desde sua arquitetura, é a possibilidade primeira de caracterizar um sentido específico para aquele grupo escolar. A expressão que decorre das linhas, cores e disposições de um prédio denotam e produzem sentidos e, como tal, não devem ser subestimados. Neste sentido, advoga-se a ideia de que a comunidade escolar deveria conceber, quando possível, de forma plural e democrática a escola em sua materialidade, expressando seus sentidos, favorecendo suas relações e fazendo história. Cabe-se, nesse contexto, o lembrete de que a padronização física dos espaços coletivos, muito comum em shoppings e aeroportos, são característicos da dissolução sobremoderna dos *lugares*. Dessa forma, demanda-se que os espaços escolares tenham singularidades como forma de induzir relações únicas, históricas e identitárias entre o *lugar* e seus conviventes.

Lembra-se que a história, por sua vez, é uma das características que fundamentam o *lugar* antropológico. Referente à escola, cabe pensar se esta propicia ou não o encontro de seus alunos com as suas próprias histórias, incitando reflexões e vínculos decorrentes do contato do atual com o passado. Voltando-se a escola, percebe-se que a mesma trabalha a história cotidianamente, podendo ser de forma direta, como por exemplo nas aulas ou em determinadas práticas que muitas têm, tal qual cantar o hino nacional, hastear a bandeira, desfiles cívicos, entre outros; ou ainda, de forma indireta, como por exemplo, nas salas de aulas por meio da consideração docente sobre toda a bagagem de conhecimentos que os alunos adquiriram durante a vida e expõem nas aulas. As memórias de um espaço se constituem mediados pelos seus rituais e práticas coletivas, que permitem encontros, repetições e sentidos que, por sua vez, produzem as relações e lastros históricos necessários. Para além disso, no trato da própria história dos sujeitos escolares há de se considerar espaços e estímulos para as seguintes reflexões: qual o papel deste *lugar* - a escola - na constituição de quem eu sou? Quais memórias carrego da minha passagem por aqui? Evocar tais questões suscitaria o avivamento dos vínculos dos sujeitos com o *lugar* escola.

Interessante questionar também se a comunidade está dentro ou fora da escola, se a instituição escolar é vista pelo seu coletivo como um *lugar* ou um *não-lugar*, levando em consideração que o *lugar* precisa ter identidade e relação com as pessoas que o frequentam, analisar se a escola a envolve pedagogicamente ou não, sendo esse um fator que depende de cada instituição individualmente em suas ações com sua comunidade escolar.

Pode-se dizer que a instituição escolar é um ambiente promotor de ressignificações de conceitos aprendidos com o tempo, pois os discentes, ao ingressarem, trazem consigo toda uma bagagem de conhecimentos internalizados aprendidos desde o nascimento. O docente deve levar tudo isso em consideração nas aulas, partindo sempre do conhecimento que os alunos já têm e apresentando outros pontos de vista quando possível, fazendo-os refletir sobre o que sabem e serem críticos. Neste sentido, uma cultura escolar que considera, reconhece e valoriza a história do outro, cria relações de identidade com e entre seus sujeitos.

Marc Augé (1994) diz que enquanto o *lugar* antropológico é constituído por meio da identidade de uns com os outros, é o *não-lugar* que cria a partilha da identidade dos passageiros, sujeitos que, a princípio, não teriam relações entre si. De acordo com o autor, para a utilização do *não-lugar*, muitas vezes também se têm relações contratuais e estas têm relações com a identidade individual da pessoa. Como exemplo citado do contrato, é mencionado um indivíduo em um aeroporto que, para ter acesso às salas de embarque, necessita além do visto, algum documento de identificação; também uma pessoa que vai pagar um supermercado com cheque ou cartão de banco, como menciona Augé (1994, p.94) necessita apresentar o documento de identidade, entre outros. Relata o autor que, no *não-lugar*, não é possível existir individualização sem controle de identidade.

As formas de controle, como descritas, decorrem da cisão originária entre o espaço e o sujeito: o viajante não pertence ao aeroporto, assim como o consumidor ao supermercado. Sua transitoriedade fugaz é, por tanto, mediada pela necessidade da identificação. Destarte, compreende-se que as formas de reconhecimento e controle dos indivíduos, utilizadas pela escola, podem conferir uma espécie de desumanização que esmaece as singularidades dos sujeitos. Quanto mais um aluno é tido como um número, mais a escola se aproxima de um *não-lugar*, visto que o pertencimento ao espaço demanda formas de relação e regulação menos massificantes. Dessa maneira, se faz necessária a humanização das relações, a produção de importância individual frente ao coletivo, constituindo um espaço solidário em que cada sujeito é reconhecido e importa ao todo.

No mundo em que vivemos, a total ligação da sobremodernidade é com os *não-lugares*, onde encontram-se a coexistência de individualidades, sempre tendo um espaço específico como vitrines, cartazes, entre outros. Esses espaços são movimentados por muitas pessoas, mas estas somente são identificadas e socializadas na entrada e na saída. A diferença entre a modernidade e a sobremodernidade é que, na última, tudo se mistura enquanto na primeira, faz-se da história (antigo) como particularismos locais. Ou seja, na sobremodernidade

encontram-se o presente e o passado, os fatos históricos todos misturados, propagandas diversas sem seletividade, um turbilhão de informações deixando as pessoas sem foco, já na modernidade, a história é desenvolvida em cada local de acordo com a sua história particular, fortalecendo os sujeitos em seu sentido coletivo e singular.

Muitas vezes, nas escolas, observam-se práticas como a disposição de enfeites industrializados que, embora mais bem acabados, não produzem lastro ou significado para a comunidade escolar. Assim, percebe-se a necessidade do olhar atento àquilo que compõe o ambiente escolar: os cartazes são feitos pelos alunos? Os espaços verdes são utilizados nas práticas pedagógicas? Os registros do cotidiano são acessíveis e abundantes?

Referente à escola, é relevante mencionar também que, na sociedade contemporânea em que vivemos, o professor necessita conciliar mais e utilizar a favor da educação escolar as tendências nas quais os alunos se encontram expostos diariamente fora da sala de aula, como por exemplo, a internet e outros meios de comunicação, para tornar o processo de ensino-aprendizagem mais interessante. Segundo Silva e Silva (2012),

[...] não têm como competir com a Internet e os novos meios de comunicação. Com essas tendências, o aluno tem o domínio, o poder de exercitar o seu poder de autonomia, e dispõe de inúmeros estímulos que jamais teria em sala de aula que, em termos comparativos, o deixaria na condição “passiva” diante de uma sociedade que exige mobilidade e rapidez. Dessa forma, a educação passaria a ser postulada fora dos muros da escola e, praticamente, amarrada à fluência da sociedade contemporânea. (SILVA; SILVA, 2012, p. 356)

A produção do interesse favorece a permanência, não só física, mas atencional. As memórias afetivas das vivências ocorridas em um determinado espaço demandam o estar presente, motivado e atento ao que ocorre ao redor. Em tempos da cultura do déficit de atenção (TÜRCKE, 2016), cabe o desafio à escola de conseguir estimular a potência negativa que permite a desaceleração pois, como demonstra Han (2017, p. 56) só neste estágio contemplativo há *lugar* para a alteridade e para a experiência (*Erfahrung*).

Augé menciona que mesmo nós estando na sobremodernidade, tendo presente a frequência sempre em *não-lugares*, o *lugar* permanece sempre em nós, pois o *não-lugar* possui toda uma trajetória antiga em sua história, que o torna conseqüentemente lembranças do *lugar*. Finaliza Marc Augé (1994, p.105) levantando a questão de que, na existência, independentemente entre *lugares* e *não-lugares*, sempre terá a política voltada ao consumo. Refletindo sobre a instituição escolar, percebe-se o consumo presente embutido em seus espaços, por meio, por exemplo, dos trabalhadores que vendem salgados e doces na entrada, no intervalo e na saída dos discentes, nas roupas e materiais escolares, na reprodução da deturpação

dos sentidos originários das festividades religiosas ou nas diferenciações que podem decorrer na relação entre as pessoas, a partir do padrão de consumo das mesmas. É fundamental aos educadores incentivarem outras formas de relação entre as pessoas, que sejam minimamente atravessadas pelas questões mercadológicas, protagonizando os sentidos humanísticos, históricos, culturais e identitários que produzem e são produzidos pelos sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já enunciando na introdução, repousar o olhar sobre a escola a partir dos conceitos de *lugar* e *não-lugar* é um desafio, devido aos raros trabalhos existentes que buscaram esta perspectiva. Assim sendo, não se intencionou a elaboração de conclusões, mas, por outro lado, buscou-se desenhar alguns princípios que podem embasar novas pesquisas acerca do assunto.

Como se vê, a escola é um ambiente que pode ser caracterizado como *lugar* ou como *não lugar*, mas também e, principalmente, há de se considerar, em cada dimensão, as possibilidades da coexistência desses dois estados pois, como coloca Augé (1994, p.48) “[...] num mesmo *lugar* podem coexistir elementos distintos e singulares, sem dúvida, mas sem que isso signifique que nos proibamos de pensar nem nas relações, nem na identidade partilhada que lhes confere a ocupação do *lugar* comum.” Nesse sentido, a escola pode ser vista como um espaço que contém as dimensões que a referenciam como *lugar* e também outras que, ao mesmo tempo, lhe designam como *não-lugar*, por nela haver espaços pelos quais os alunos e comunidade escolar transitam sem ter nada que os representam em sua identidade, tornando-os ali estranhos, sendo somente espaços públicos onde as pessoas transitam, como o pátio da escola, os corredores e os itinerários de cada um até a instituição escolar.

No caso da instituição escolar, pode-se considerá-la um *não-lugar* quando esta esvazia os sentidos de identidade entre si e a sua comunidade. Todavia, quando envolve a presença do público que a ela frequenta (discentes, docentes, gestores educacionais, técnicos e demais trabalhadores da escola) produzindo sentidos e expressando a identidade de cada um, a escola pode se tornar um *lugar*. Outro exemplo ocorre quando o professor realiza atividades com os alunos. Se estas são utilizadas para decorar as paredes da sala de aula, aquele ambiente passa a ser um *lugar* para os alunos, devido ao feito individual que expressa a identidade e as raízes de cada um; por outro lado, se estas paredes são decoradas sem a expressão dos alunos, recorrendo

a recursos prontos que possam ser comprados, este espaço pode passar a ser considerado um *não-lugar*.

Compreendemos, primeiramente, que tais determinações não se encontram demarcadas por uma visão binária, que permitiria um diagnóstico determinado e fechado. A complexidade da realidade escolar está para além dos simplismos que conceitos em oposição possam evocar. Assim sendo, por fim, observamos que tal resposta não se encontra na determinação, dado que a escola, especialmente em sua dimensão antropológica, é um espaço em constante construção. A escola deve ser pensada a partir de seu devir e de suas possibilidades produzindo em si o anseio, incessante e incansável, de se constituir enquanto *lugar*.

REFERÊNCIAS

AUGÉ, M. *Não-lugares*: introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

CHIESA, C. D.; CAVEDON, N. R. *Entre lugares e não-lugares*: etnografia da Casa de Cultura Digital no espaço público e no ciberespaço. XXXVII Encontro da ANPAD, Rio de Janeiro – 7 a 11 de setembro de 2013. Disponível em: http://www.anpad.org.br/diversos/down_zips/68/2013_EnANPAD_EOR670.pdf. Acesso em: ago. de 2021.

HAN, B. C. *Sociedade do cansaço*. Tradução: Enio Paulo Giachini. 2ª edição ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HARARI, Y. N. *Sapiens*: Uma breve história da humanidade. Tradução: Janaína Marcoantonio. – 30. Ed. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2017.

LIPOVETSKY, G. *O império do efêmero*. A moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Ed. Cia. das Letras, 1989.

MEDEIROS, J. B. Baudelaire: fragmentação e melancolia em meio à multidão. **Revista Instrumento**. Juiz de Fora, v. 11, n. 1, p. 71-76, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18618>. Acesso em: 05 ago. 2021.

OLIVEIRA, L, P, de. **Zygmunt Bauman**: a sociedade contemporânea e a sociologia na modernidade líquida. **Revista Sem Aspás**, p. 25-36, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/semaspas/article/view/6970>. Acesso em: 01 ago. 2021.

PACÍFICO, M.; GOMES, L. R.. Do engodo ao sagrado: uma análise sociocultural do progresso da publicidade. **Revista advérbio**, [S.l.], v. 16, n. 32, nov. 2021. ISSN 1808-883X. Disponível em: <http://www.adverbio.fag.edu.br/ojs3/index.php/ojs3/article/view/253>>. Acesso em: 09 set. 2021.

SILVA, A. C. B. da.; SILVA, M. C. C. B. da. A escola na condição de não *lugar*. **Revista Eletrônica PESQUISEDUCA**, p. 340-362, jul./dez. 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/127042>. Acesso em: 29 de ago. de 2021.

TÜRCKE, C. **Hiperativos!** Abaixo a cultura do déficit de atenção. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2016.

SOBRE A AUTORA E O AUTOR

Terezinha Garcia Cazuzza Martinez

Graduação em Pedagogia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Mestranda em Educação pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Membro do Grupo de Pesquisa História da Educação, Memória e Sociedade (GEPHEMES). E-mail: terezhagarcia@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8863-3712>.

Marsiel Pacífico

Doutor em Educação pela UFSCar. Atua como Professor Adjunto na UEMS onde também é Professor Permanente do Mestrado Profissional em Educação (PROFEDUC). Lidera o Grupo de Estudos e Pesquisa TeCEducS – Teoria Crítica, Educação e Sociedade. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2013-2073>.

Recebido em fevereiro de 2022.
Aceito para publicação em julho de 2022.
Publicado em agosto de 2022